Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

ENTREVISTA RBEG

ENSINO DE GEOGRAFIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS: reflexões com o Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro



Autores | Entrevistadores

Prof. Dr. David Luiz Rodrigues de Almeida[1]
Prof. Dr. Francisco Tomaz de Moura Júnior[2]
Acad. Victor Victório Pinheiro Alexandre[3]
Acad. Renato Fonseca Ferreira[4]

[1] Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) | e-mail: david.luiz@professor.ufcg.edu.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4443-3169

[2] Secretaria de Estado de Educação e Desporto de Roraima (SEED-RR) | e-mail: franciscotomaz@discente.ufj.edu.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8713-3970

[3] Universidade Federal de Roraima (UFRR) | e-mail: victorio1geo@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7248-7626

[4] Universidade Federal de Roraima (UFRR) | e-mail: renatofonsecaferreira.02@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0009-6554-7107

ENSINO DE GEOGRAFIA E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS: reflexões com o Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro

Resumo

A entrevista com o Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro, realizada pela equipe do Projeto de Iniciação Científica (PIC) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), explora a trajetória acadêmica e as contribuições do pesquisador para o ensino de Geografia. O ponto de partida da entrevista foi a pesquisa realizada pelo autor na dissertação de mestrado "A construção da maquete dinâmica: uma estratégia socio-histórica para o ensino de Geografia", defendida na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) em 1997. Com uma carreira consolidada na área, Antonio Carlos possui vasta experiência na Educação Básica e no Ensino Superior, tendo atuado em diversas instituições de ensino, como a Universidade Federal de Goiás, a Universidade Federal de São Paulo, e, atualmente, como Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba. Como coordenador do Grupo de Ensino e Pesquisas em Educação Geográfica (GEPEG), seu trabalho se concentra no ensino de Geografia, métodos didáticos e formação de professores. Durante a conversa, Antonio Carlos reflete sobre sua experiência acadêmica, revisita influências teóricas e compartilha perspectivas sobre a relação entre Educação Geográfica e práticas pedagógicas inovadoras. Além disso, discute como a maquete dinâmica pode potencializar o ensino sobre a cidade, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas espaciais e territoriais. A entrevista, portanto, contribui significativamente para o debate sobre metodologias no ensino de Geografia, fortalecendo as reflexões sobre formação docente e práticas educacionais voltadas para a construção do conhecimento geográfico.

Palavras-chaves: Antonio Carlos Pinheiro; Ensino de Geografia; Maquete Dinâmica.

GEOGRAPHY TEACHING AND DIDACTIC STRATEGIES: reflections with Professor PhD Antonio Carlos Pinheiro

Abstract

The interview with Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro, carried out by the Scientific Initiation Project (PIC) team at the Federal University of Roraima (UFRR), explores the researcher's academic trajectory and contributions to geography teaching. The interview starting point was the research developed by the author in his master's dissertation "The construction of a dynamic model: a socio-historical strategy for geography teaching", defended at the Pontifical Catholic University of Campinas (PUC-Campinas) in 1997. With a consolidated career in the area, Antonio Carlos has vast experience in Basic Education and Higher Education, having worked in several educational institutions, such as the Federal University of Goiás, the Federal University of São Paulo, and, currently, as a Full Professor at the Federal University of Paraíba. As coordinator of the Teaching and Research Group in Geographic Education (GEPEG), his work focuses on geography teaching, didactic methods and teacher training. During the conversation, Antonio Carlos reflects on his academic experience, revisits theoretical influences and shares perspectives about the relationship between Geographic Education and innovative pedagogical practices. In addition to this, he discusses how the dynamic model can enhance teaching about the city, allowing a broader understanding of spatial and territorial dynamics. The interview, therefore, contributes significantly to the debate about methodologies referring to geography teaching, strengthening reflections

regarding teacher training and educational practices aimed at the construction of geographic knowledge.
Keywords: Antonio Carlos Pinheiro; Geography Teaching; Dynamic Model.

ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA Y ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS: reflexiones con el Profesor Dr. Antonio Carlos Pinheiro

Resumen
La entrevista con el Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro, realizada por el equipo del Proyecto de Iniciación Científica (PIC) de la Universidad Federal de Roraima (UFRR), aborda su trayectoria académica y las contribuciones que ha realizado al campo de la enseñanza de la Geografía. El punto de partida de la conversación fue su investigación de maestría titulada *"La construcción de la maqueta dinámica: una estrategia sociohistórica para la enseñanza de la Geografía"*, defendida en la Pontificia Universidad Católica de Campinas (PUC-Campinas) en 1997. Con una carrera consolidada, Antonio Carlos cuenta con una amplia experiencia en la Educación Básica y Superior, habiendo trabajado en instituciones como la Universidad Federal de Goiás, la Universidad Federal de São Paulo y, actualmente, como Profesor Titular en la Universidad Federal de Paraíba. Como coordinador del Grupo de Enseñanza e Investigación en Educación Geográfica (GEPEG, acrónimo en portugués), su labor se enfoca en la enseñanza de la Geografía, las metodologías didácticas y la formación de docentes. A lo largo de la entrevista, reflexiona sobre su recorrido académico, repasa influencias teóricas y ofrece perspectivas sobre la relación entre la educación geográfica y las prácticas pedagógicas innovadoras. Además, discute el potencial de la maqueta dinámica como recurso para el estudio de la ciudad, favoreciendo una comprensión más profunda de las dinámicas espaciales y territoriales. Esta entrevista aporta elementos valiosos al debate sobre metodologías de enseñanza en Geografía, fortaleciendo la reflexión sobre la formación docente y la construcción del conocimiento geográfico en el ámbito escolar.
Palabras-clave: Antonio Carlos Pinheiro; Enseñanza de la Geografía; Maqueta Dinámica.

A construção da maquete dinâmica para o ensino de Geografia: uma conversa com o professor doutor Antonio Carlos Pinheiro

A presente entrevista foi realizada de forma presencial, em 28 de dezembro de 2023, na residência do Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro, em João Pessoa/PB. A conversa nos conduziu a resgates formativos, profissionais e até pessoais do entrevistado, relembrando as condições da produção de sua dissertação "A construção da maquete dinâmica: uma estratégia socio-histórica para o ensino de Geografia". O diálogo foi mediado pelo Prof. Dr. David Luiz Rodrigues de Almeida, que naquela época atuava no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Roraima (UFRR), *campus* Paricarana, Boa Vista/RR.

A entrevista corresponde a uma das ações de um Projeto de Iniciação Científica conduzido no curso de licenciatura em Geografia da UFRR. A equipe desta é composta pelos alunos de licenciatura em Geografia, Victor Victório Pinheiro Alexandre e Renato Ferreira Fonseca, além da colaboração do Prof. Dr. Francisco Tomaz Moura Júnior que atua na rede estadual de Roraima na área de Geografia. Esses sujeitos participaram do processo de elaboração do roteiro de entrevista e transcrição que serão aqui apresentados, ou seja, uma proposta coletiva.

Mesmo após a finalização desta entrevista, o Prof. Dr. Antonio Carlos, em meio a outras reflexões importantes, nos contactou com mais algumas informações via áudios no *WhatsApp*. Por considerarmos essas observações relevantes, incorporamo-las a esta entrevista. Procuramos, por meio disso, demonstrar a significância das propostas metodológicas para o ensino de Geografia como a da construção da maquete dinâmica. Acreditamos, desse modo, que professores e pesquisadores, no cenário contemporâneo, possam se interessar por essa prática incorporando-a e ressignificando-a em seus contextos de ensino e aprendizagem em Geografia.

Assim, convidamos a todos a realizar esta leitura e conhecer ou relembrar a proposta da "Construção da Maquete Dinâmica" pelo seu idealizador.

David Almeida: Após quase 30 anos da publicação da dissertação de mestrado "A construção da maquete dinâmica: uma estratégia socio-histórica para o ensino de Geografia", na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no ano de 1997, entrevistamos o autor deste trabalho: Antonio Carlos Pinheiro. Essa publicação inspirou o desenvolvimento de um projeto de iniciação científica na Universidade Federal de Roraima intitulado "A construção da maquete dinâmica: percursos didáticos em Geografia no ensino da cidade", do curso de licenciatura em Geografia do qual fazemos parte. Em nome da equipe, gostaria de agradecê-lo ao conceder esta entrevista. Além disso, expressamos nosso entusiasmo na possibilidade de entender melhor a proposta da maquete dinâmica, a partir do seu idealizador. Consideramos isso uma forma de resgatar a memória do ensino de Geografia no Brasil e pensar em perspectivas para utilização dessa abordagem em pesquisas e abordagens formativas na Educação Básica e Ensino Superior. Agradecemos o seu aceite e vamos começar a entrevista! Assim, ao iniciar nossa conversa, gostaríamos que fizesse uma reflexão mais abrangente sobre o uso da maquete em nossa área de atuação. Ela é um recurso interdisciplinar, utilizado por diferentes componentes curriculares da escola e cursos universitários. Para você, qual o diferencial da utilização desse recurso para o ensino de Geografia?

Antonio Carlos: Antes de tudo, quero agradecer o convite para a entrevista e por resgatar um trabalho que fiz há muito tempo. Inclusive até pouco tempo cheguei a realizar oficinas. Bom é… diferencial. Primeiramente, eu entendo a maquete dinâmica como um recurso[5]. Por isso, chamava-a de estratégia, que é um termo que se usava muito naquela época. Hoje eu acho que já não se usa tanto esse termo. Mas claro que os termos utilizados na ciência, no ensino, são datados. Então há alguns que se apresentam no currículo, prática ou discurso dos professores, das pessoas, mas sabemos que um está em desuso, porque reavaliamos o seu significado. Bom, a maquete foi pensada enquanto estratégia, um recurso. Um meio para entender a importância da maquete dinâmica é apresentar a sua origem. Posso falar um pouco como foi, como chegamos a esse recurso. Na época, trabalhava no Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM)[6] com a disciplina chamada "Metodologia e Conteúdo de Estudos Sociais", porque contemplava Geografia e História. Depois separaram essas disciplinas, ficando um professor para história e outro para Geografia. No caso, eu e uma colega que temos na Geografia e, inclusive, uma colega que me ajudou muito na vida que foi a Lígia Brant. Depois, no CEFAM, entrou a Sílvia Mascarinho com quem tenho contato até hoje. Ela, inclusive, trabalhou comigo na Pontifícia Universidade Católica (PUC). No caso, alguns alunos faziam estágio na escola. Eles voltavam e diziam: "Olha, professor, eu não vejo muita coisa de Geografia lá nos anos iniciais [do Ensino Fundamental]. Mas a professora está dando maquete para falar da cidade etc. Só que a gente observa que não tem muito envolvimento dos alunos, porque ela já leva tudo pronto. Ela define tudo. Ela já leva os moldes, as casinhas. A professora leva um isopor que, provavelmente, ela mesma comprou. A escola quer que a gente faça". No caso, explicavam que a escola não tem recurso nenhum, não tem material. Então, a professora levava isopor, mas já traçava as ruas, definia como iria ser essa cidade. Ela, talvez, não percebesse que ela estava reproduzindo a sua visão de cidade. Então uma pessoa, por exemplo, que tinha uma formação católica, fazia o centro com uma igrejinha. A professora queria a casa do seu jeito e que os alunos fizessem tudo muito bonitinho. Porém, nem todo mundo fazia. Ela trazia os moldes, os alunos pintavam, dobravam, colavam e colocavam. Sempre tem um

[5] Após a realização da entrevista, o Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro entrou em contato com os entrevistadores. Nos áudios encaminhados, e a partir da provocação, o entrevistado apontou que a maquete dinâmica, de fato, se aproximava de uma metodologia de ensino, isto é, ela compreende a articulação de um conjunto de recursos associados a uma fundamentação teórico-metodológica que vincule conteúdo, objetivos e recursos/estratégias de ensino. Ao final da entrevista, em formato de adendo, transcrevemos os áudios encaminhados.

[6] Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, criado no estado de São Paulo em 1988, pelo Decreto Estadual nº 28.089, de 13 de janeiro de 1988, e extinto em 2005. Esse curso tinha um projeto diferenciado de formação de professores para atuação nos anos iniciais, pois era de período integral. Os alunos recebiam uma bolsa no valor de um salário-mínimo e uma de suas principais marcas era sua forte vinculação aos fundamentos construtivistas de educação.

aluno que faz de qualquer jeito, né? Muitas vezes, as minhas alunas do CEFAM, relatando a situação, diziam que quando ficava feio demais, às vezes, a professora não deixava nem colar a casinha que um aluno fazia. Ela também fazia essa seleção. Essas minhas alunas começaram a questionar isso, falou que excluía. Algumas delas falavam para mim: "Eu não vou ficar gastando meu dinheiro, professor". Naquela época, 30 anos atrás, mais ou menos, o nosso salário era muito pior que hoje. A maioria delas iria para a escola pública. Elas fizeram a análise e um debate. Fomos conversando para descobrir o que fazer. Então, a gente não trabalha mais com a maquete? Mas a maquete é um recurso interessante para Geografia. Então, fomos descobrindo outro jeito de fazer e elas mesmas começaram a propor: "E se a gente juntar a dramatização com maquete?". Afinal, vamos tentar! Começamos e fomos definir os papéis dos participantes. Éramos, na maioria, professores, e tínhamos uma tendência à esquerda. No meu caso, era militante da Geografia Crítica, do materialismo histórico. Isso influenciou a definição dos papéis naquela proposta de maquete. Quer dizer, já começa pela visão do professor. Depois eu percebi a maquete dinâmica enquanto recurso quando fui fazer o mestrado. Poderia ter outra visão ali, porque tem muitas experiências que foram feitas a partir de cursos, oficinas, que eu ministrei. Eu ouvia relatos de alguns professores e percebia que o resultado, às vezes, não era o mesmo. Na maquete, as pessoas representavam um papel e elas tinham a tendência de refletir suas ideias na representação da cidade. Essa visão não era igual. Outro fator é que por conta das questões de falta de recursos, fomos trabalhar com o que a gente tinha: pegava um papelão, juntava a caixinha de embalagens. A cartolina, a base, era a única coisa que nós comprávamos. Aliás, eu não comprei isso. No meu caso, a escola onde eu trabalhava tinha, mas ele fez questão de fazer de conta que não tinha. Nós usávamos tesourinha, cola, pincel atômico da escola naquela época. Foi quando percebi, pesquisei, inclusive virou uma pesquisa de mestrado que havia uma riqueza ao fazer e representar os papéis. Havia ali uma motivação muito grande quando eu fiz pela primeira vez. Realizei essa atividade com uma turma e achei que faltava alguma coisa. Eles e elas, a maioria eram meninas, ficavam atuando seus personagens, muitas vezes até fora de sala de aula. Continuavam representando os papéis. Pensei. Não tem que ter algo a mais? Esse algo a mais era a conversa. Fazíamos uma roda de diálogo após o término da montagem. Então, tinha que ficar todo um tempo para eles caírem na real, porque eles ainda ficavam sob aquele efeito. Havia muito conflito na realização da maquete. Havia um grupo de pessoas que detinha as caixinhas, outro, as tesourinhas, outro, a cola, por exemplo. Então, era uma briga, uma disputa, tinha que ser negociado um com o outro. Foi quando começou a ter roubo. Eles chegavam a roubar do outro,

porque eu já definia que esse grupo é o dono das caixinhas, o outro, dono dos materiais, a mercadoria. Ali estava a minha influência do marxismo. Eu até me cansei um pouco. Não pelo Marx, muito pelo contrário, considero-o um grande gênio, mas pelas práticas de muita gente que se diz marxista. Isso me incomodou. Enfim, havia muito disso. Então, eu observei que a importância da maquete dinâmica está não apenas no fazer, mas no refletir sobre o fazer. Dessa forma, eles não esqueciam mais. Eles compreendiam que naquela dramatização havia muito conteúdo. Por isso, a construção e o debate sobre a ação eram significativos.

DA.: Antes da realização da oficina havia uma definição do tema ou era trabalhado a partir daquilo que aparecia durante a execução da maquete?

AC.: Chegava um momento em que tinha que encerrar a construção da maquete dinâmica. Era algo complicado quando fazia oficina de um dia. Por exemplo, eu lembro que em uma delegacia de ensino, eles me permitiram realizar uma oficina em três tardes. Dependia de cada delegacia, porque era uma questão política. Quando o dirigente tem o compromisso, força política, era mais fácil realizar esses acordos. Mas quando a oficina era em um dia, por exemplo, ela tinha que terminar às 17h, por exemplo. A gente começava às 8h, mas até esquentar... Quando era mais de um dia, no outro dia de manhã já estava quentíssima. Parávamos para almoçar e voltávamos em torno das 14 h. Só que, nesse caso, eu tinha que encerrar em torno das 15h. Eu tinha mais uma hora para debater, porém eles estavam empolgadíssimos. Inclusive, na sala de almoço, eles já articulavam um monte de coisas. Só que eu tinha que fazer um papel meio chato. Eu tinha que encerrar porque tinha que sobrar um tempo para discussão. Se não, não rolava (ver figura 1).

Figura 1 - Construção da maquete dinâmica realizada por Antonio Carlos Pinheiro



Legenda: imagem da esquerda: discutindo sobre o trabalho com os alunos; imagem da direita: a maquete construída em 1993. Fonte: Pinheiro (2020, p. 151)[7].

Na época, eles chamavam de reciclagem: termo horrível! As oficinas aconteciam no máximo até as 17h; às vezes, passávamos meia hora a mais quando todos se empolgavam. E olha que professor é louco para ir embora, não é? O debate era a questão de teoria e prática. Aquela professora que fazia a maquete tradicional reproduzia um cenário imaginário da cidade e não tinha essa reflexão da sua prática. Não conseguia enxergar, estava excluindo, impondo um modelo de cidade ideal, limpinha, sem poluição, sem pobre, sem nada, sem conflito, sem assaltos, sem violência. Já na maquete dinâmica, tudo isso vinha à tona. Como ela não discutia, ficava por isso mesmo, e se fosse discutir, também não sei se ela aceitaria. Porque você coloca a pessoa contra ela mesma. Questões como: "Você lembra quando você estava lá na posição do prefeito? O que você fez?". Eu fazia esse papel no debate, porque a prática era boa. Às vezes, falavam: "A gente quer continuar!". Mas explicava que precisávamos encerrar a construção para conversar. Eu tinha um compromisso de amarrar a coisa, porque se não houvesse essa amarração ficava assim: "Foi divertido, gostoso. No caso do professor ou do aluno, fizemos uma coisa diferente, brincamos". Não é brincadeira. Não era fácil, porque você tinha que falar: "sujeito, nós vamos sentar e discutir". Eles insistiam para continuar, colocavam a maquete no meio da sala e realizavam uma roda para iniciar a discussão. Por quê? Porque a maquete também servia como referência. É um trabalho coletivo, mas de referência. De pronto, eu percebi esse aspecto. Concluída porque,

[7] PINHEIRO, Antonio Carlos. **Memórias e aventuras na educação e no ensino de Geografia.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020.

quando você tem uma referência, foi algo construído por um grupo no coletivo. Ele passa a ser do coletivo. As pessoas começaram: "Aquela lá foi eu que fiz". Daí, a outra pessoa: "Foi você que fez? Você roubou que eu vi?". Claro que ali na discussão surgiu um conflito, mas deve ser amenizado. Falei então: "Tá bem, mas por que você fez?". Nesse exercício, discutíamos sobre a segregação, violência, exploração, meio, a questão da poluição, do lixo, para onde o lixo vai, a natureza. Teve uma maquete realizada em Presidente Prudente (SP) que era de uma área extremamente agrícola, da pecuária. Então, quando começou a divisão das terras, os chamados proprietários das terras começaram a construir suas fazendas. Eles eram fazendeiros. A cidade ficou na pontinha. Eles construíram o curral, com as vacas, bem como o pasto. Pegaram o papelzinho e foram fazendo capinzinho e uma vaquinha. Aquela ação reflete muito a visão de que Presidente Prudente é uma grande região agropecuária. É interessante porque na hora do debate houve o argumento dos motivos que geraram um Movimento Sem-Terra naquela dinâmica. É porque o povo ficou de fora. Quem não era fazendeiro ficou revoltado. A cidade não era a coisa mais importante e muitos foram excluídos. Eu estimulava: "Vocês estão excluídos, lembram? Vocês não vão ter onde morar!". Houve um que chamou um povo lá. Quando começaram a se organizar, fizeram passeata. Isso tudo em sala de aula, fizeram passeata, invadiram a fazenda, quebraram a cerquinha que o outro tinha feito. E foi uma confusão. O professor tinha que ficar muito atento. As pessoas assumem o papel e não percebem. Na atualidade, com essa dicotomia política, tem gente que assumiu de tal forma a história do patriotismo, da pátria, da família, que nega qualquer coisa fora de sua ideologia. Surge, então, a questão da relação teoria e prática. Você analisa a prática do sujeito. Você vê que tem senador bêbado, drogado, com discurso homofóbico. É sabido, é notório. A maquete dinâmica promovia essa reflexão mais profunda. É claro que se você estiver em uma sala de aula com seus alunos, terá mais tempo para discutir e continuar em outra aula. Assim é até legal, porque eles vão para casa e refletem. Era uma hipótese minha, na verdade, e que deu certo. E toda vez que eles se esqueciam de alguma coisa, eu falava: "Mas lembra lá na maquete, que você fez assim?". Porque tem uma hora que a leitura e o aprofundamento são necessários, mas posso contar como era no CEFAM. O CEFAM era uma escola diferenciada, pública, todavia era um projeto na época. Ele permitia fazer as coisas. Quanto aos locais, às vezes, tentavam articular com o conteúdo que já estava previsto. Então, se o tema era a questão da discussão do urbano, eles discutiam a teoria, mas também deixavam fluir deles. A primeira etapa era construir e a partir da maquete dinâmica, do nosso trabalho, através da prática, surgia o debate teórico. As concepções, depois a discussão, incentivavam a pensar, refletir sobre o que

fizeram. Em seguida, eles elegiam os temas que eles queriam estudar. Eu vinha com os textos. Se fosse para discutir segregação, buscavam por um texto. Às vezes, quando eu estava no Ensino Superior, os alunos também podiam trazer o texto. Eu sempre trabalhei nessa perspectiva. Quando era no Ensino Fundamental, era muito mais o professor, pois o professor tem que ter mais protagonismo. Porém, o professor também avançava. Claro que na universidade também há uma limitação. Dessa forma, acho que avançava um pouco mais. Mas também quando eu parava, não ia muito adiante. Então, os textos vinham posteriormente para aprofundamento. Eu senti aqui que a leitura e a discussão dos textos tinham mais aproveitamento, mais significado. Desse modo, a discussão teórica tinha apoio nas lembranças desenvolvidas durante a maquete dinâmica e continuava viva na cabeça deles. Cabe aqui uma crítica sobre aquela maquete que você falou antes, estática, a maquete já predefinida ou por terminar com caráter de passatempo ou dissociado do conteúdo escolar. Por essa razão, quando os alunos do CEFAM propuseram o termo "dinâmico", essa dinâmica não se reduz apenas à forma de construção, mas também ao aprofundamento do debate teórico. Não vou dizer que é um aproveitamento de 100% das leituras dos textos, mas se avançava muito mais do que habitualmente, pois você tinha uma referência concreta.

DA.: E sobre essa questão do diferencial, não é? Você acabou de citar que no CEFAM havia uma organização que auxiliava essa proposta dinâmica da maquete. Dentro daquele contexto, qual era o diferencial do CEFAM naquela época?

AC.: O CEFAM era uma escola na qual a gente tinha plena autonomia para desenvolver o nosso trabalho. A disciplina que trabalhávamos era a Metodologia da Geografia. Naquela época, ainda não tinha a Educação Infantil, era o maternal, creche… No geral, a maioria dos professores do CEFAM fazia um trabalho muito bom e diferenciado, não era só eu. Inclusive para entrar no setor, embora fosse uma escola pública financiada pelo governo do estado de São Paulo, chegou a ter 44 unidades, porque eles pegavam as maiores cidades do estado e construíam o CEFAM. Ele era Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento no Magistério. Seu objetivo não era apenas a escola, de formar professores, também seria um centro de pesquisas feitas por professores e pelos estudantes. Havia uma colaboração, relação com a universidade, mas nós tínhamos toda a autonomia para criar, produzir. Em outras escolas havia um programa de ensino mais fixo e o livro didático. No caso do CEFAM, não havia um livro, trabalhávamos com vários exemplares, porque eu não seguia exatamente um programa: ele era flexível. Dessa forma, isso nos permitia fazer coisas diferentes. Eu tive várias experiências. O caminho

era construído por todos nós, juntos. Claro que quando o negócio empacava, era difícil sair do lugar. Claro que aí vem o professor, ele tem que fazer o papel deles de "destravar" e propor um caminho. Mas, em geral, os alunos eram muito proativos quando entravam nesse ambiente. Confesso que eu aprendi muito nessa escola. Aprendi muito lá dentro. A gente fazia passeata com alunos e professores, exigia nossos direitos na rua. Saímos para o centro de Campinas, que não era muito perto. Saímos cheios de cartazes. Lembro-me de um protesto nos anos 1990 contra o governo Collor. Essa passeata envolveu alunos, pais, professores, direção e funcionários da escola e a comunidade que saía de vários bairros, um monte de gente! Quem já era professor da rede estadual tinha que fazer um concurso para ingressar no CEFAM. Lá, meu aprendizado foi muito vasto, a exemplo da teoria construtivista de Jean Piaget. Toda sexta-feira, os alunos eram liberados. O final de semana era de três dias para os alunos. A escola era integral. Eles tinham que tomar banho, comer e lazer (festas e show). Havia, portanto, muitas atividades para fazer na escola. Às sextas-feiras, nós, professores, tínhamos formações e estudos. A gente almoçava na escola para não perder tempo. O estudo era direcionado para as questões vivenciadas naquela escola. Estudei Paulo Freire, Jean Piaget, Lev S. Vygotsky, José Carlos Libâneo.

DA.: Antonio Carlos, em suas publicações sobre a maquete dinâmica, o senhor parece ter privilegiado os temas relacionados à construção espacial da cidade, destacando "personagens-sujeitos" como o industrial, prefeito, comerciante, assessor de terras e trabalhador. Na realização de suas experiências com essa estratégia de ensino, destacou outras formações espaciais? Como foram essas outras experiências?

AC.: Para mim, a cidade era um tema mais confortável porque foi assim que surgiu. Eu também tinha mais segurança. Na escola, eu consegui trabalhar no CEFAM onde surgiu esse tema. Além disso, em várias turmas da PUC e com outra escola, depois que trabalhei no CEFAM, até 1994. Em seguida, resolvi sair e me dedicar à universidade quando também fui fazer o mestrado. Eu tinha um salário bom na Educação Básica, ganhava melhor do que os professores da universidade federal. Na época, estava tudo sucateado, inclusive. Mas eles continuavam... com "nariz empinado", continuavam se achando superiores a nós, mas tudo bem... Eles tinham a cultura da pesquisa. Acho que eu fiquei um ano fora da escola básica. Não resisti e me inscrevi numa escola no centro de Campinas, que é uma loucura! Naquela escola eu não fiz só a maquete dinâmica, mas várias atividades. Vinha gente de todos os cantos da cidade, assim como ocorre aqui em João Pessoa-PB. A mãe e o pai vêm trabalhar no centro, largam a criança ali e pronto.

Mas a maioria dos meus trabalhos de maquete foi em oficinas. Então, eu tinha o tempo reduzido. Eu preferia porque para mim era mais confortável. Trabalhava com a cidade que eu tinha mais, vamos dizer assim, tinha mais experiência e *know-how*. Isso ficava mais evidente na discussão que se fazia após, sobretudo, com professores que traziam outras ideias. Quando tinha oportunidade, lembro-me de que, por exemplo, trabalhei em uma Delegacia de Ensino, durante 6 meses, cuja experiência foi magnífica. Eu não me lembro se foi em Mogi Mirim ou Mogi Guaçu, que são municípios vizinhos de São Paulo. Americana foi outra delegacia que me chamou e onde trabalhei por 6 meses, só que em encontros semanais. Na época, muitas delegacias não viam em mim só um cara da Geografia. Eles viam que eu podia desempenhar outras atividades. Eu me lembro que deu tempo, porque comecei com a maquete dinâmica. Fizemos, discutimos e os professores começaram a fazê-la nas escolas. Só que eles faziam do jeito deles, com base em suas limitações. Não só deles, limitações da própria escola, dos alunos, dos recursos que tinham. Nessa ocasião, surgiram muitas indagações. Eles vinham e falaram: "Eu acho que pode ser feito com a zona rural". Ah, tem um caso de uma escola onde dei aula que usava o método de Freinet. Era uma escola particular, mas diferenciada, porque atendia os filhos das pessoas alternativas da classe média. A escola era numa chácara. Você nunca começava a aula. O professor chegava e com os alunos sentadinhos, a gente iniciava a aula com uma roda de conversa. Você se sentava no chão, em almofadas com os alunos. Era chamada "escola frenética", pois os alunos tinham o direito de questionar: "Professor, por que você vai dar isso para a gente?". A maquete dinâmica de uma indústria foi realizada nessa escola. Trabalhei um ano nela, pois já era professor na PUC. Estava começando a ter demandas na PUC e o salário era bom. Essa história da indústria também resultou em muito questionamento para mim. Eu acho que, na época, era a 6ª série. Hoje seria o quê? O 7º ano do Ensino Fundamental. O conteúdo era indústria do Brasil, algo assim. Eu me lembro até hoje que eu cheguei e sentei na tal da almofada. Não eram muitos alunos, visto que cada turma não tinha mais de 20. Era uma cooperativa: os pais eram donos da escola e os professores, também. Só que havia alguns professores que eram contratados porque você não virava cooperando de uma hora para outra. Você era testado primeiramente. Eles deixavam claro, nós somos a escola. Nós trabalhamos com Freinet. Então eu tive que estudar muito Freinet para poder trabalhar lá e entender aqueles códigos todos. Mas eu já tinha essa tendência. Alguns professores não aguentavam, ficavam um mês e, por se sentirem irritados com os alunos, saíam. Não aguentavam ser questionados o tempo todo. Já vinha de um lugar assim, eu já fazia isso nas periferias bravas em São Paulo, em Campinas, em tanto lugar por onde eu passei.

Estava explicando o que era a indústria e havia uma aluna que reclamava quão chato era o conteúdo. Ela me perguntou se só iria ficar falando. Daí, perguntei: "Tá, e o que nós vamos fazer?". Ela respondeu: "Nós vamos fazer uma indústria". Concordamos em fazer uma maquete, mas uma maquete diferente. Uma com dramatização. Eles gostaram. Daí, ficava aquela loucura toda. Houve movimento ambientalista daquela criançada. Oh, é "à flor da pele", não é? É trabalhoso, saía cansado, porque você tinha que separar os alunos, quase que um pegava no outro. Eles diziam: "Eu vou bater em você, porque você está estragando aqui!". Teve um sujeito que fez uma sacanagem, mas foi ótimo porque aquilo deu uma movimentação. Naquela indústria de carro, eles haviam realizado um barranco e um rio próximos à fábrica. O aluno pegou um copo com tinta guache marrom e simplesmente derramou sobre o barranco. Aquilo manchou tudo de marrom. Eles tinham pintado o rio de azul. Houve aquela briga toda, aquela revolta porque o pai dele era engenheiro. Eles eram filhos de pais e mães bem letrados; só que era aquele povo alternativo. Muita gente de movimento ambientalista. Eram, em sua maioria, de classe média, não eram pobres. O aluno do copo de guache falou: "Meu pai trabalha como engenheiro, não sei o quê da indústria... meu pai que fez o projeto lá, mas era tudo poluído!". Era uma loucura aquilo, mas muito divertido. No final das contas, era fatigante. Eu saía exausto, mas satisfeito. Sinto um pouco de arrepio ao me lembrar. Ai, meu Deus, saudades!

DA.: **A construção de uma pesquisa científica obedece a um conjunto de etapas e procedimentos acadêmicos. Entre eles está a identificação de um problema ou questão o que, por sua vez, demanda um conjunto de pesquisas e revisões da literatura. Nesse sentido, no processo de construção da dissertação e na própria dissertação, você menciona a existência de outros trabalhos sobre "maquetes dinâmicas". Todavia, em levantamento do estado do conhecimento nos Anais do Colóquio de Cartografia para crianças e escolares, após os anos 2000, não identificamos abordagens que mencionem a maquete dinâmica. O que explica esse "apagamento"?**

AC.: Bom, já que você perguntou, vamos falar o que eu acho. Ressalto que não é o único motivo, mas justifica um pouco o que eu estou vivendo hoje. Durante todo o tempo, eu fiz isso. Era professor de uma universidade privada, PUC Campinas. Algumas universidades particulares tinham maior expressão nacional. Porém, a maioria das pesquisas era de professores das universidades federais na época. Mesmo considerando todas as dificuldades de materiais e logística dessas universidades, que realmente constituíam uma fase em que houve pouco investimento, era possível fazer pesquisa com

a jornada de trabalho de 40 horas semanais e dedicação exclusiva. Então, o cara ganhava. Ele tinha tempo. Nosso caso, das PUC, por exemplo, que ainda eram as universidades particulares – tidas como diferenciadas entre as privadas – éramos horistas. Você tinha uma classe minúscula de professores doutores que, em geral, eram aposentados. As universidades públicas, por sua vez, já eram "gente de nome". Por exemplo, José Carlos Libâneo se aposenta da Universidade Federal de Goiás e vai trabalhar na PUC Goiás e permanece lá até hoje. A minha orientadora de mestrado que é a professora Olinda Noronha foi professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), depois ingressa como professora da Unicamp. Ela se aposenta na Unicamp e vai trabalhar na pós-graduação da PUC Campinas, onde me orientou. Na pós-graduação da PUC, a maioria eram "professores de nome". Esses, sim, ganhavam bem mais. Porque nós, que éramos professores das graduações, não. Então, isso era um fator: o preconceito. Até hoje, se vou a Campinas e encontro aqueles professores que participaram das minhas oficinas, eles recordam. Eu tenho no meu *WhatsApp* vários professores que participaram das minhas oficinas. Tem um grupo, inclusive, do qual eu participo. Eles não me esqueceram até hoje. Eu tenho alunos da PUC e do CEFAM que nunca me esqueceram. Também na Unifesp, inclusive uma delas é professora da Universidade de São Paulo (USP), do Departamento de Sociologia, que foi minha aluna no CEFAM; outra menina, minha colega lá na Unifesp, do curso de História, foi minha aluna; eles não se esquecem. Não é só da maquete, porque o meu estilo era o da maquete dinâmica. Eu sempre fui muito ativo, militei muitos anos na Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Fico pensando nisto e vem a ideia de me aprofundar nas reflexões de meu memorial... fazia a maquete nos eventos da região de Campinas. Mas eu militava na AGB, trabalhava na PUC e na escola básica. Depois fui me afastando, fiz um curso de especialização. Nessa época, já não se chamava curso de "reciclagem". Isso foi na década de 1990, em 1992; em 1993, saí do serviço. Acho que saí do CEFAM porque já estava fazendo muitas coisas e optei pela universidade. Já estava inserido e pensava em ingressar no mestrado. Tentei na Unicamp e USP, mas não consegui. Eu não tenho mais vergonha de falar sobre essas coisas. Até para você ter uma ideia, quando prestei seleção na PUC Campinas, eu fui com o mesmo projeto da Unicamp. Tinha uma professora aposentada da Unicamp, que participou da banca na Faculdade de Educação, onde eu queria fazer. Essa mesma professora foi da banca da PUC. E lá eu passei. Ela me elogiou. Por que na Unicamp ela não me elogiou? Enfim, acredito que tem o fator preconceito de ter ligações com a escola básica, AGB e a universidade pública. Além disso, já era "bicha assumida" e nunca fui à PUC, que era católica. Eu nunca me escondi. Quando eu tive problema, já foi no final,

quando estava saindo. Depois, eu nunca tive. Eu tive problemas aqui na Universidade Federal da Paraíba, onde sofria homofobia. Eles camuflaram. Enfim, eu acho também que a AGB era extremamente machista e homofóbica porque a AGB queria ser sindicato. Eles copiavam muitas práticas dos sindicatos. Dentre os sindicatos que participei, sempre tive uma boa experiência na Associação dos Professores da PUC, que é um local tranquilíssimo. Lá nunca sofri homofobia. Outros sindicatos de que fiz parte foi o dos professores do estado de São Paulo, dos bancários, do Partido dos Trabalhadores (PT) de Campinas, que era sindicato petroleiro, sindicato dos eletricitários, dos metalúrgicos, que era um machismo. A AGB copiava muito isso. Eles até inventaram um apelido para mim que era um diminutivo. Eu não gostava, mas queria participar e acabava aceitando coisas que não devia aceitar. Eu não sei o motivo, por exemplo, a professora Nídia Nacib Pontuschka foi uma das que reconheceram meu trabalho. Só que ela não era doutora, ainda, era mestre, mas já era professora da USP. Ela foi uma das pessoas que mais incentivaram minha carreira. Sempre tive uma relação muito respeitosa com ela. Uma vez fiz uma entrevista com ela, a primeira na Revista Brasileira de Educação Geográfica, que ajudei a fundar. Em seguida, fui partindo para outras esferas também. Quando trabalhei na Universidade Federal de Goiás (UFG), olharam meu currículo e fui indicado para trabalhar com a formação de professores na Secretaria Estadual de Goiás. Era um projeto, convênio, entre a Secretaria de Estado e a UFG; havia um polo em Trindade-GO. Eu trabalhei lá por muito tempo. Depois, voltei para São Paulo, Unifesp. Quando eu fiz o meu doutorado, não continuei com o tema da maquete dinâmica. Fui entrando por outros caminhos sobre o catálogo das dissertações e teses. Claro que isso me ocupou muito tempo. Eu não li 100%, mas quase tudo sobre o ensino de Geografia, ou seja, aquilo que encontrei. Então, isso me demandava muito. Concentrei-me, durante o meu doutorado, na tese e larguei a maquete dinâmica. Isso pode ter sido um fator, mas só uma desculpa. Muita gente fez coisas semelhantes na região de Campinas. Evidentemente, eles foram aprimorando, inventando, juntando muita coisa. Eu devia ter feito isto: escrito. Eu não escrevi mais. Houve alguns escritos, mas para revistas impressas. Fiz um levantamento de várias oficinas, não sei se abrangeu todas. Acho que as mais significativas. Na dissertação, eu descrevo algumas. Mas eu não sei, eu não sei exatamente, hipóteses.

DA.: A sua dissertação foi publicada em 1997 e estamos há quase 30 anos do desenvolvimento da proposta da maquete dinâmica. Você considera que a abordagem e

estudos sobre a maquete nas aulas e pesquisa em Geografia mudaram em relação àquela época?

AC.: Não, bom, até onde eu vi, não. Quando eu orientei o estágio em Goiás, na UFG, por exemplo, observava muita coisa que a gente chama de "tradicional". Muito na escola: a professora entra e os alunos estão sentadinhos à sua frente. Eles seguem aquilo que está escrito ali. Muitas vezes, é o sumário do didático. Pega o sumário e faz o plano. Mas, havia, sim, experiências diferenciadas em Goiás. Voltei para São Paulo, orientei estágio e também vi muita coisa na Unifesp. A escola ainda é muito tradicional. Tem muita pesquisa na área do ensino que é repetitiva. Fica repetindo a mesma coisa. Esse olhar já entra na minha pesquisa de doutorado. Essa é uma das conclusões a que eu cheguei no doutorado. Sempre digo aos meus orientados que façam um levantamento das dissertações e teses sobre o tema que pretende estudar. Em minha pesquisa, eu tive problemas: tive que mudar de tema por esse motivo. É engraçado porque a nova ideia acabou "caindo na minha cabeça". Narro isso em meu memorial: da tese que "caiu na minha cabeça" enquanto estava na biblioteca. Você pode fazer uma pesquisa com o mesmo tema, mas não repeti-la e buscar novas formas de analisar, referências... Então é importante fazer a leitura do que se produziu sobre aquilo. Hoje a gente tem muito mais facilidade para isso. Há muita coisa digitalizada. Ela está no mundo digital. Durante a pandemia da covid-19, ficamos no ensino remoto. Após esse período, fiquei afastado para me recuperar de uma cirurgia. Voltei para sala de aula no final do ano passado, em 2022. Eu já percebi uma diferença muito grande. Estava ministrando Geografia Regional do Nordeste, Cartografia Escolar. Na aula de Cartografia, claro, tinha mais espaço, mas eu não fiz a maquete dinâmica. Porque tinha quatro alunos, não dava. Relatei para eles sobre a proposta, porém não foi a mesma coisa. Você tem que fazer. Eu fiz, então, o que deu para ser feito com quatro alunos. Mas, mesmo assim, sentia um pouco de cansaço da parte deles. Eles me contaram que há professores com uma fala muito rebuscada, sentem falta daquela aula mais "tradicional". Geralmente, os professores vão para a sala de aula com um monte de *slides* e, às vezes, o aluno não consegue entender nada. Acho que não mudou muita coisa. E esse pessoal todo que lida com a Cartografia, com a maquete, não faz... Eles tiveram oportunidade. Acho que não repercutiu o que eu fiz porque na época não virou livro. Virou artigo de revista com pouca circulação. Os artigos dos eventos não aparecem exatamente nos anais. Se aparece, é apenas o nome "maquete dinâmica". Também há um monte de coisas que tinha feito em relação à música e à Geografia. Aparece apenas o título, não tem uma descrição. Nada disso foi filmado. Eu só tenho uma filmagem de vivência que participei em Florianópolis, mas é outro assunto. Não

transformei em livro, porque me afastei do tema. Comecei a reanalisar a Geografia Crítica. Fui ficando decepcionado com essa abordagem bem como com a AGB. Eu me senti excluído. Por isso, considero importante que você e seus alunos resgatem e atualizem a maquete dinâmica.

DA.: Quais seriam as perspectivas futuras para o desenvolvimento dessa metodologia? Quais conselhos/indicações daria a uma pessoa que deseja desenvolver e/ou utilizar a maquete dinâmica na sua atuação profissional enquanto professor e pesquisador do campo da Educação Geográfica?

AC.: É o que você está fazendo. Não é só a maquete. Há muitas estratégias, recursos, meios que foram pesquisados e que ficaram parados no tempo. Por exemplo, não havia muita dissertação e tese. Quando eu fiz a minha tese, eu me enquadrei. Eu me questiono um pouco sobre como eu fiz bem. É a questão do momento. Como o relato de experiência, por exemplo, de coisas que as pessoas investigaram. A dissertação do Rafael Straforini[8] vai relatar, analisar, refletir sobre a prática. Há outros casos de orientandos com a Ana Néri[9], David[10], Guibson[11], Eliane[12]. A publicação de artigos em revistas de repercussão, livros (digitais ou impressos) auxilia na divulgação, porque a dissertação e a tese em si não garantem essa comunicação. Eu nunca fui fiel a um tema, nem a mim mesmo. Poderia ter continuado, aprofundado essa discussão sobre o uso de recursos para o ensino de Geografia. Mas, sei lá, naquela época, eu não quis mais. Na verdade, eu sei, achei uma tese que já estava indo por esse caminho que era a da professora Nídia Nacib Pontuschka. Não queria competir. Besteira, não é? Eu queria fazer uma coisa que ninguém fez, que fosse inédita. Então, a minha tese rendeu mais frutos do que a dissertação, isso porque não divulguei o produto do mestrado. Hoje não faria tanto sentido transformar em livro, já faz tanto tempo.

DA.: Antonio Carlos, agradecemos a sua disponibilidade de tempo, parceria e possibilidade de aprofundar a reflexão sobre o tema. Acreditamos na importância de

---

[8] STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas series iniciais**: o desafio da totalidade mundo. Campinas: IG/Unicamp, 2001. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGeo/IG/Unicamp.

[9] BATISTA, Ana Néri Cavalcante. **O ensino de geografia e a convivência com o semiárido:** pesquisa-ação com alunos do ensino médio no município de Olivedos-PB. João Pessoa: CCEN/UFPB, 2019. Tese de Doutorado apresentada ao PPGG/CCEN/UFPB.

[10] ALMEIDA, David Luiz Rodrigues de. **Mapas mentais para o ensino de geografia:** práticas e reflexões em uma escola de Campina Grande-PB. João Pessoa: CCEN/UFPB, 2015. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGG/CCEN/UFPB.

[11] LIMA JUNIOR, Guibson da Silva. **Os problemas socioambientais no ensino de Geografia:** as questões locais nos anos finais do Ensino Fundamental. João Pessoa: CCEN/UFPB, 2021. Tese de Doutorado apresentada ao PPGG/CCEN/UFPB.

[12] SILVA, Eliane Souza da. **Formação de professores e o uso das geotecnologias no ensino-aprendizagem de Geografia.** João Pessoa: CCEN/UFPB, 2016. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGG/CCEN/UFPB.

resgatar a proposta da maquete dinâmica enquanto uma proposta para os professores de Geografia da Educação Básica e futuros pesquisadores que se interessem pelo tema de maquete. Isso pode incentivar outros a dar continuidade à proposta.

AC.: Eu agradeço muito, quando me procurou para saber a história da maquete dinâmica e pensei: meu Deus, ela foi renascer das cinzas! Então fico muito feliz que agora está gerando frutos. Demorou para essa árvore começar... me traz muita felicidade, principalmente, refletindo sobre coisas que eu passei nos últimos anos. Eu estou precisando mesmo disso. Agradeço a você e o grupo da UFRR que está recuperando esse tema.

[Adendo]

As transcrições abaixo são fruto de áudios enviados pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro dias após o término da entrevista. Sua motivação, conforme ele expressa, foram as provocações e reflexões decorrentes da entrevista. Por acreditarmos em seu valor teórico e pedagógico ao desenvolvimento da maquete dinâmica, apresentamo-las aqui:

Áudio de *WhatsApp*/AC.: Boa tarde, David. [...] Você fez a entrevista comigo e me fez uma pergunta que toda hora volta à minha cabeça. Eu vou falar o que eu estou pensando primeiramente. Você me perguntou se eu considerava a maquete como uma metodologia. Bom, fiquei pensando. De início, tem que definir o que é uma metodologia? Um conjunto de procedimentos, técnicas e recursos? Enfim, para você poder chegar a alguma coisa. Nesse aspecto, eu acho que a maquete envolve muitos procedimentos, essas técnicas ou uso de vários recursos. Então, ela se aproxima de uma metodologia. Não sei se um método, porque método envolveria algumas outras coisas. Isso já seria uma discussão mais epistemológica. Aí, eu fiquei pensando, se a metodologia é um conjunto; então significa que a maquete dinâmica se aproxima de uma metodologia. Talvez falte uma articulação melhor entre esses procedimentos, pensando nas ligações que existem, ou seja, seria buscar uma articulação nesse conjunto de técnicas e métodos que fizesse sentido. Não sei se combinasse, mas que houvesse uma articulação e que ela fosse contextualizada, ou seja, dependendo daquilo que eu pretendo produzir, que eu pretendo fazer, eu tenho que reorganizar os métodos, redistribuí-los, repensá-los e fazer essa montagem [...], pensando nesta realidade que ela está inserida. Então, nesse sentido, é uma metodologia que levaria em conta o conhecimento prévio, levar em conta a imaginação das pessoas, suas representações e, a partir daí, fazendo uso de conflitos, debates, de encenação, do drama/dramaturgia. [...]

Como você me fez essa pergunta e como não consegui responder, eu acho que eu não respondi, eu fiquei refletindo sobre, continuo refletindo. [...] A mensagem é porque às vezes é mais fácil o outro perceber aquilo que você escreve, o que você estava pensando, no caminho que você estava indo, do que a gente. [...] Será que eu pensei em buscar uma metodologia? Mas isso não estava muito consciente. Enfim, é isso aí, tá? Vou parar aqui porque esse áudio está longuíssimo. Um abraço!

Palavras finais dos autores / entrevistadores

A presente entrevista com o Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro não apenas resgata uma experiência significativa no campo do ensino de Geografia, mas também oferece uma reflexão profunda sobre os desafios e as potências das práticas pedagógicas comprometidas com a construção crítica do conhecimento. A proposta da maquete dinâmica, ao ser revisitada quase três décadas após sua concepção, revela-se extremamente atual, especialmente quando se discute a necessidade de metodologias que articulem teoria, prática, reflexão e diálogo.

Ao compartilhar suas vivências, o professor Antonio Carlos evidencia que a maquete dinâmica transcende o caráter de simples recurso didático. Ela se configura como uma proposta metodológica capaz de fomentar a participação, a escuta, a problematização e a ressignificação dos conhecimentos geográficos, possibilitando aos estudantes compreenderem as dinâmicas territoriais a partir de suas próprias vivências e representações.

O diálogo estabelecido nesta entrevista remete a importância de revisitar e atualizar práticas que, embora possam parecer esquecidas, continuam carregadas de potencial (trans)formador. A trajetória do professor Antonio Carlos Pinheiro nos inspira a persistir na defesa de uma Educação Geográfica crítica, inclusiva e comprometida com a formação de sujeitos capazes de interpretar, questionar e transformar a realidade.

Esperamos que este material possa servir de incentivo a outros pesquisadores e professores, para que deem continuidade ao desenvolvimento, ressignificação e disseminação de metodologias como a maquete dinâmica, reafirmando a centralidade da prática reflexiva na formação docente e no ensino de Geografia.

Recebido em 12 de janeiro de 2024.
Aceito para publicação em 13 de agosto de 2025.